

Paz com amor é sorte

Marisa Costa Martinez

Resumo

Este texto é fruto de um cartel sobre o amor que se encerrou em 2020, mais precisamente sobre o amor ao final da análise. Mesmo depois do amor líquido, termo cunhado por Bauman, e embora a satisfação no amor não exista, nem por isso os sujeitos deixam de tentar alcançá-lo. As análises podem caminhar para um laço, conforme diz Lacan, “um novo amor” que viria como efeito do final da análise. Um amor novo é o que dispensa o narcisismo próprio. “Um amor mais digno”, diz Lacan, para se referir a um amor que passe pelo real, e não só pelo narcisismo imaginário e pelo palavrório simbólico. Um amor para além da tentativa de preencher a falta de ser com as paixões do ser, no que Lacan descreveu como “o que vem em suplência à relação sexual [inexistente] é precisamente o amor”. E essa passagem não ocorre sem desassossego.

Palavras-chave:

Amor; Psicanálise; Final de análise.

Peace with love is a fortune

Abstract

This text is the result of a cartel about a love that ended in 2020, more precisely about love at the end of the analysis. Even after the term liquid love, by Bauman, and although satisfaction in love does not exist, the subjects do not give up trying to reach it. Analyzes can turn into a bond, as Lacan says, “a new love” that would come as the effect of the end of the analysis. A new love is what dispenses narcissism. “A more worthy love,” says Lacan referring to a love that goes through the real and does not go just to the imaginary narcissism, and the symbolic naming. A love that goes beyond the attempt to fill the lack of being with the passions of being, as Lacan described as “what comes in substitute for sexual intercourse [which is nonexistent] is precisely love”. And this passage does not occur without disquietude.

Keywords:

Love; Psychoanalysis; End of analysis.

La paz con el amor es suerte

Resumen

Este texto es el resultado de un cartel sobre el amor que terminó en 2020, más precisamente sobre el amor al final del análisis. Incluso después del amor líquido, término acuñado por Bauman, y aunque la satisfacción en el amor no existe, los sujetos no dejan de intentar alcanzarla. Los análisis pueden transitar hacia un vínculo, como dice Lacan, “un nuevo amor” que vendría como efecto del fin del análisis. Un nuevo amor es lo que prescinde del autonarcisismo. “Un amor más digno” dice Lacan refiriéndose a un amor que pasa por lo real y no sólo por el narcisismo imaginario y la cháchara simbólica. Un amor más allá del intento de llenar la carencia del ser con las pasiones del ser, en lo que Lacan describió como “lo que viene como sustituto de la relación sexual [inexistente], es precisamente el amor”. Y este pasaje no está exento de inquietud.

Palabras clave:

Amor; Psicoanálisis; Fin del análisis.

La paix avec l’amour est la chance

Résumé

Ce texte est le résultat d’un cartel sur l’amour qui s’est terminé en 2020, plus précisément sur l’amour à la fin de l’analyse. Même après l’amour liquide, un terme inventé par Bauman, et bien que la satisfaction amoureuse n’existe pas, les sujets ne cessent d’essayer de l’atteindre. Les analyses peuvent aller vers un lien, comme dit Lacan, « un nouvel amour » qui viendrait comme un effet de la fin de l’analyse. Un nouvel amour est ce qui dispense de l’autonarcissisme. « Un amour plus digne » dit Lacan, en référence à un amour qui passe par le réel et pas seulement par le narcissisme imaginaire et le bavardage symbolique. Un amour au-delà de la tentative de combler le manque d’être avec les passions de l’être, dans ce que Lacan a décrit comme « ce qui vient se substituer à la relation sexuelle [inexistante], c’est précisément l’amour ». Et ce passage n’est pas sans inquiétude.

Mots-clés :

Amour ; Psychanalyse ; Fin d’analyse.

Este texto é fruto de um cartel sobre o amor que se encerrou em 2020, mais precisamente sobre o amor ao final da análise.

“Paz e amor” é uma expressão que surge nos anos 1960, lema principal dos *hippies*, mas ainda está bastante presente na atualidade, sobretudo nos dias sombrios que o Brasil e o mundo têm vivido politicamente. Sabemos que é o amor a nossa arma para lidar com tamanho ódio imaginário e louco que vemos por toda parte. Uma paixão do ser que pode ser um antídoto contra outra paixão. A despeito ainda da expressão, entendemos que paz precisa de amor. Fica incompleto se dissermos apenas “paz”, sossego. A paz sozinha é morte, como podemos entender com Freud (1920/1996), ao teorizar sobre o princípio da constância, isto é, a tendência conflituosa em retornar a estados inanimados, à morte, Tãtatos. Por outro lado, o amor parece tirar nossa paz, como diz a canção de Nando Reis: “eu estava em paz quando você chegou”.¹ Freud sempre esteve consciente de que era seu destino “perturbar a paz deste mundo”, como na história em que ele, chegando à América, comenta: “mal eles sabem que lhes trago a peste!”. Assim como o amor, a psicanálise também tira nossa paz.

Lacan (1958/1998, p. 663), em 1958, evoca a “falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro”, o qual é lugar da fala e da falta. E o que no Outro falta é o ser, que ele tenta preencher com as paixões do ser, quais sejam, amor, ódio e ignorância. Tanto que, para Serge André (1998, p. 253), no amor, trata-se de um “semblante de ser”. Esse semblante no amor é o faz de conta que está na canção *Blues pra Bia*, de Chico Buarque: “Talvez queira me avisar que no coração de Bia meninos não têm lugar, porém nada me amofina até posso virar menina pra ela me namorar”.²

Para Lacan, o que caracteriza o amante³ é justamente não saber, ou seja, uma ignorância do que lhe falta, até porque o inconsciente é essencialmente um saber que não se sabe. Por outro lado, o objeto amado seria aquele que não sabe o que tem de atraente. Desse modo, apresenta-se a discordância do amor, na medida em que, “entre esses dois termos que constituem, em sua essência, o amante e o amado, observem que não há nenhuma coincidência. O que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Aí está o problema do amor” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 56).

A interseção entre sexualidade e amor, entendidos em uma concepção ampla, faz parte do alerta freudiano para a possibilidade de equívoco dos psicanalistas ao esquecerem que “usamos a palavra ‘sexualidade’ no mesmo sentido compreensivo

1 Trecho da canção “Relicário”, de Nando Reis. A letra completa está disponível no link <https://www.letras.mus.br/nando-reis/47567/>, recuperado em 5 de abril, 2023.

2 Trecho da música “Blues pra Bia”, de Chico Buarque. A letra completa está disponível no link <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/blues-para-bia/>, recuperado em 5 de abril, 2023.

3 Lacan (1960-1961/2010), durante *O seminário, livro 8: a transferência*, utiliza os termos gregos *éras-tês* e *erôménos* para designar, respectivamente, amante e objeto amado.

que aquele em que a língua alemã usa a palavra *lieben* ('amar')” (Freud, 1910/1996, p. 234). Para Lacan (1962-1963/2005 p. 199), “(...) o amor-sublimação permite ao gozo condescender ao desejo”, de forma que o amor aconchega desejo e gozo. Com o ensino de Lacan (1972-1973/2008, p. 89), sabemos que, ao “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico”. Ser analista, então, é exercer a clínica do amor e curar a ferida narcísica do amor de completude, porque, em última instância, ensina-nos Freud, é preciso amar para não adoecer (Freud, 1914/1996, p. 92).

Poderíamos inclusive pensar que não só na análise, mas também na vida de forma geral, o amor está em tudo — em nossa posição política, em nossa escolha profissional. O que nos faz sair de casa diuturnamente é o amor, o Eros, a pulsão de vida. Amor é vida. Desde o dom do amor materno, o qual nos dá a vida e no qual uma mãe, que vai e volta como um carretel, volta porque ama, e não porque o filho chora, por exemplo. “São a fome e o amor que movem o mundo”, diz Freud (1930/1996, p. 121), citando o poeta e filósofo Schiller, destacando a importância do amor e também seu aspecto mendicante e pedinte, uma vez que uma demanda é sempre de amor.

O amor aparece na filosofia, na literatura e na psicanálise como impossível e antinômico de felicidade — o amor platônico, o amor cortês, os desencontros amorosos, os dramas do amor. O amor vem acompanhado de certo desassossego, assim como um processo analítico. O amor é um vale de lágrimas e sofrimentos porque é um sintoma neurótico, como bem nos apresenta a peça *Myrna sou eu*, inspirada nas publicações de Nelson Rodrigues. Nela, Myrna — pseudônimo de Nelson —, em um programa de rádio, ao responder às cartas enviadas pelas ouvintes, em uma espécie de consultório sentimental, depara-se com o relato de uma delas, que expressa estar muito triste, pois ama muito um homem que não quer saber dela. Diante da queixa, ela indaga: “Não lhe basta amar? Você quer, ainda por cima, ser feliz?”.

Desde o primeiro amor, temos as primeiras decepções dele decorrentes. Mas é preciso lembrar que, com a psicanálise, “o primeiro amor é sempre o segundo” (Soler, 1998, p. 367). Desde Freud (1912/1996), sabemos que nossa forma de amar procura infundáveis objetos substitutos na vida adulta advinda do infantil de cada um, na relação com seus pais. Se já nascemos amando é porque, para Lacan, os significantes preexistem ao sujeito, apontando para a “célebre máxima em que La Rochefoucauld nos diz que ‘há pessoas que nunca se haveriam apaixonado, se nunca tivessem ouvido falar de amor’” (Lacan, 1953/1998, p. 265). Somos envolvidos e estruturados por uma linguagem, e é a neurose de cada um que atrapalha amar, uma vez que o termo *phatos* é o mesmo para designar paixão e patologia. Desse feito, o sujeito se questiona, como canta Maria Bethânia: “Não sei se é meu destino, não sei se é meu azar... quem aparece no

meu caminho tem os defeitos iguais”.⁴ No entanto, escutamos o poeta Vinicius de Moraes dizendo: “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”.⁵ E, se a arte antecede o analista, há de haver uma esperança de que o amor vença, uma vez, já que durante boa parte da guerra da vida a pulsão de vida vence a de morte.

Por outro lado, quando Freud (1930/1996, p. 91) escreve sobre o tornar-se feliz, lembra-nos de que, “assim como o negociante cauteloso evita empregar todo seu capital num só negócio, assim também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração”. É melhor investirmos nossa libido em vários locais. E isso também é o efeito de uma análise, pois “desidentificar o sujeito é também liberá-lo das restrições que a repetição impunha a suas escolhas de objeto e abrir para ele uma maior variedade de encontros” (Freud, 1930/1996, p. 368).

Lacan (1960-1961/2010), no *Seminário 8: a transferência*, conclui que a transferência promove uma mudança, qual seja, a passagem da posição de amado e desejável à posição de amante e desejante. Assim, Nominé (2007, p. 65) aborda que o amor ocorreria quando o sujeito se apaixona “por uma pessoa que o faz mudar de lugar”. Trata-se de uma relação de alteridade, com o Outro, no encontro amoroso em que a mulher se torna outra para si mesma: “o homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele” (Lacan, 1960/1998, p. 741).

Só que o lugar no qual colocaremos nossos afetos e nosso amor não são escolhas conscientes, é da ordem do inesperado, de uma escolha forçada e inconsciente, como lindamente escreve Duras (2007, p. 81): “um homem próximo da morte pergunta a uma mulher: como o sentimento de amar pode surgir? E ela responde: de uma falha repentina na lógica do Universo, por exemplo, de um erro, nunca de um querer”. Desse feito, entendemos que eleger um amor é da ordem do inconsciente, fora do sentido, o que desestabiliza o sujeito, porque inclusive o amor é inventado, como nos lembra Cazuzu: “o nosso amor a gente inventa, pra se distrair. E quando acaba a gente pensa que ele nunca existiu”.⁶

Se, com Freud, sabemos que todo amor é narcisista, inclusive o que ele chama de anaclítico ou de ligação, pois objetiva ser protegido e alimentado, por outro lado o amor não é só isso. Essa é a face imaginária do amor. O amor é mais do que isso. É possível ir além do imaginário. “Um indivíduo que ama priva-se, por

4 Trecho da canção “Foi assim”, de Maria Bethânia. A letra completa está disponível no *link* <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/887140/>, recuperado em 5 de abril, 2023.

5 Excerto da poesia musicada “Samba da bênção”. A poesia completa está disponível no *link* <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/samba-da-bencao>, recuperado em 5 de abril, 2023.

6 Trecho da canção “O nosso amor a gente inventa”, de Cazuzu. A letra completa está disponível no *link* <https://www.letras.mus.br/cazuzu/85094/>, recuperado em 5 de abril, 2023.

assim dizer, de uma parte do seu narcisismo” (Freud, 1914/1996, p. 105). Pois, se fôssemos completos, sem falta, se nos bastássemos, não precisaríamos de outrem. É impensável qualquer forma de amor e de psicanálise se não houvesse a falta. Aqui, então, deparamo-nos com o amor simbólico. Por isso, quando falamos de amor, não o fazemos sem falar de castração. Para a psicanálise, a perda implica um ganho:

O problema do amor é o da profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor — dar o que não se tem —, *é dar aquilo que ele não tem*, o falo, a um ser que não o é. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 364)

Não há relação sexual, afirma Lacan (1972/2003), para marcar o descompasso do amoroso e do desejo. Nesse mesmo sentido, Caetano diz em sua música: “onde queres dinheiro, sou paixão. Onde queres descanso, sou desejo. E onde sou só desejo, queres não... Eu te quero (e não queres) como sou. Não te quero (e não queres) como és”.⁷ Se o amor escancara nossa posição de castrados, quando isso ocorre, apesar da relação sexual inexistente, trata-se de um milagre (Lacan, 1960-1961/2010, p. 72), um privilégio, descrito por Lacan da seguinte maneira:

Esta mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atijar e estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atijar, a mão for longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento e a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas — então, o que aí se produz é o amor. (Lacan, 1960-1961/2010, pp. 72-73)

Carla Madeira (2022, p. 109), por sua vez, desenvolve em *Tudo é rio* que “é preciso uma coincidência qualquer para que o amor se instale. Existe um certo milagre nos encontros. Não é tolo dizer que o amor é sagrado”. Assim, entendemos que um bom encontro amoroso é raro.

Portanto, dizer que o amor faz suplência à não relação sexual aponta para uma dimensão de necessidade de amor em detrimento de um distanciamento absoluto dos homens. A arte, as músicas e a clínica psicanalítica evidenciam que o

7 Trecho da canção “O queres”, de Caetano Veloso. A letra completa está disponível no [link](https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44758/) <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44758/>, recuperado em 5 de abril, 2023.

amor não sai da moda, continua em alta. Mesmo depois do amor líquido, termo cunhado por Bauman, e embora a satisfação no amor não exista, nem por isso a humanidade deixa de tentar alcançá-lo, ao contrário, atribuímos a pertinência do amor ao assumi-lo como um dos estatutos que viabilizam a felicidade para a humanidade. É relevante que os homens, diante do real da não existência da relação sexual, poderiam excluir-se. Diferentemente, as análises podem caminhar para um laço, o qual Lacan designa como “um novo amor” (1972-1973/2008, p. 22) feliz, que viria como efeito de final de análise. Um amor novo é o que dispensa o narcisismo próprio. Se o eu é outro, ser outro para si é uma nova possibilidade de amar. Nesse sentido, é sair de um amor de-novo, do novamente, repetitivo, para um amor com algo de novo, da novidade. “Um amor mais digno” (Lacan, 1973a/2003), como diria Lacan em 1973, para se referir a um amor que passe pelo real, e não só pelo narcisismo imaginário e pelo palavrório simbólico.

Uma análise permite “o que há de mais real no amor: a felicidade do sujeito” (Lacan, 1972-1973/2008). Pois, se o percurso de uma análise passa pelo reconhecimento de que “o próprio amor é repetitivo” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 367), como disse Freud:

Esses novos objetos ainda serão escolhidos ao modelo (ímagos) dos objetos infantis, mas, com o correr do tempo, atrairão para si a afeição que se ligava aos mais primitivos. Um homem deixará seu pai e sua mãe — segundo o preceito bíblico — e se apegará à sua mulher; então, se associam afeição e sensualidade. (Freud, 1912/1996, p. 187)

Quando o sujeito consegue dizer não à demanda do Outro, é possível dar um passo em direção a seu desejo, como marca Lacan com a homofonia existente na língua francesa entre “não” e “passo” (Lacan, 1973b/2003). Se a entrada em análise é marcada pelo discurso da histérica em apontar as faltas no Outro, em um amor que não vai bem por inúmeros motivos (ele acorda tão tarde, ele é baixo, ele não me diz quanto ganha, entre outros), o final de análise chegaria, após dar alguns giros no discurso, enumeráveis voltas no Real, a um sujeito que ame outro sujeito com suas diferenças e singularidades.

Desse feito, ao final da análise, o eu não é mais a repetição de seu fantasma; diferentemente, há um atravessamento que permite o laço social ao sujeito. Uma análise levada a cabo até seu fim possibilita que a posição fantasmática de amar, seja uma *ex-posição*.⁸ Dessa forma, uma análise permite que o outro seja conhecido de outra maneira que não a partir de seu próprio fantasma neurótico. Um amor de final de

⁸ Termo utilizado por Isoany Machado no lançamento de seu livro *Voou solo*, em março de 2023, em Campo Grande (MS).

análise é um amor de confiança, não de se fazer um, mas dois. Um amor que suporta a presença e a ausência do objeto amado, pois ali há dois sujeitos. Um amor “mais digno do que a profusão do palavrório que ele constitui até hoje — *sicut palea*” (Lacan, 1973/2003, p. 315). Ou seja, o amor mais digno do final da análise é esse amor Real, que atravessa a castração do simbólico para que cada sujeito se depare com a merda, com o estrume que se é. Um amor para além dessa tentativa de preencher a falta de ser com as paixões do ser, no que Lacan descreveu como “o que vem em suplência à relação sexual [inexistente] é precisamente o amor” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 51). E isso não ocorre sem desassossego.

Por fim, termino com o refrão da música de Gal Costa para dizer que paz com amor é sorte, uma preciosidade. Essa sorte que Lacan recupera do conceito *Tiquê*, de Aristóteles, para falar do encontro fortuito, inesperado, por ser da ordem do Real, como um amor para além do amor, como repetição de um destino pulsional. Talvez a sorte, então, seja concluir uma análise: “Meu amor! Você me dá sorte, meu amor! Você me dá sorte, meu amor! Você me dá sorte na vida!”⁹

Referências bibliográficas

- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Duras, M. (2007). *A doença da morte*. São Paulo: Cosac Naify.
- Freud, S. (1996). Psicanálise silvestre. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1996). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). Mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

⁹ Trecho da canção “Sorte”, de Gal Costa e Caetano Veloso. A letra completa está disponível no [link](https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44775/) <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44775/>, recuperado em 5 de abril, 2023.

- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998). A direção da cura e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973a)
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973b)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Madeira, C. (2022). *Tudo é rio*. Rio de Janeiro: Record.
- Nominé, B. (2007). *Psicoanálisis de la vida amorosa*. Valência: Editorial Iada.
- Soler, C. (1998). *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022